



Proponente: Marina Massimi

Área da Psicologia: História da Psicologia

AUTOBIOGRAFIA NO MUNDO PSI: PERSPECTIVAS

Justificativa: A fonte autobiográfica, objeto de estudo psicológicos desde os inícios da cultura ocidental, tem sido recentemente retomada no âmbito da psicologia científica, e enfocada sob diferentes perspectivas: história da psicologia; psicologia cultural; psicopatologia, psicologia fenomenológica, dentre outras. Este simpósio visa propor a discussão sobre este objeto bem como exemplos diferentes de abordagens de pesquisa da narrativa autobiográfica: história da psicologia (Massimi), psicologia cultural e poética da experiência (Rabinovich), experiência elementar em psicologia (Mahfoud). Esperamos com isto contribuir e ampliar o debate acerca deste tema.

Coordenador: Marina Massimi

A AUTOBIOGRAFIA COMO RECURSO PARA A APREENSÃO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE AGOSTINHO. Marina Massimi (Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto)

A comunicação discute a fonte autobiográfica como material documentário para a reconstituição histórica de formas de conhecimento de si mesmo no âmbito da cultura, aprofundando especialmente a contribuição de Agostinho de Hipona (354-430). Objeto de estudos deste a antiguidade, o pensamento de Agostinho tem sido retomado por vários autores contemporâneos, dentre eles E. Gilson, E. Prziwara, M. Zambrano, P. Courcelle, P. Haddot, e H. Arendt, pela sua importância no que diz respeito à conceituação da subjetividade. No que consiste a contemporaneidade deste autor? Por qual motivo, filósofos que lidam com a temática da subjetividade contemporânea, têm se interessado por um pensador da antiguidade? Haveria aspectos da contribuição de Agostinho que permanecem válidos ainda hoje? E, por outro lado, quais aspectos marcam a sua inerência histórica ao fim do Mundo Romano e aos inícios da Idade Média? Alguns autores de história da psicologia (como Chatellier) definem-no utilizando-se de linguagem um tanto anacrônica, como sendo o primeiro psicólogo da história ocidental. O que teria Agostinho a dizer hoje aos psicólogos contemporâneos? Várias podem ser as respostas a esta pergunta, desde a visão tridimensional da mente humana, até a importância da memória, etc. A presente comunicação irá focar a discussão acerca da possibilidade do ser humano conhecer-se a si mesmo e das modalidades de fazê-lo. Questionada pela filosofia kantiana acerca desta possibilidade, a psicologia moderna tentou lidar com tal desafio buscando construir métodos conforme ao modelo das ciências experimentais e chegando a conclusões de vários tipos: desde a afirmação de que somente pode-se conhecer o sujeito se for reduzido aos termos de objeto até a negação hodierna da existência de 'si mesmo' enquanto objeto, ou sua tematização em termos de constructo sócio-cultural. Todavia, recentemente, várias abordagens da psicologia e da psiquiatria têm retomado o estudo das fontes autobiográficas com novo interesse. Na contribuição de Agostinho, a afirmação da possibilidade gnosiológica do ser humano conhecer-se a si mesmo e a reflexão acerca das condições metodológicas deste conhecimento constituíram-se num acontecimento que se deu conjuntamente à definição conceitual de pessoa. As retomadas atuais de Agostinho pelos autores acima assinalados evidenciam o fato de que nas Confissões é possível encontrar alguns elementos da narrativa autobiográfica que apresenta semelhanças estruturais com as expressões do gênero que de desenvolveram na

história até a atualidade. Tais elementos seriam: a complementaridade entre o eu que narra e o mundo da vida que o remete à alteridade e proporciona-lhe horizontes de totalidade; o fato de que o acontecer deste conhecimento de si acompanha-se a uma vivência afetiva que abre à descoberta de uma correspondência entre o mundo e o si mesmo. Ao proporcionar esta experiência, o conhecimento de si mesmo pode vir a coincidir com a cura de si, com o querer-se bem a si mesmo.

2º Apresentador: Elaine Pedreira Rabinovich

SOBRE AUTOBIOGRAFIA, INFÂNCIA E POÉTICA. Elaine Pedreira Rabinovich (Universidade Católica de Salvador)

A autobiografia tem sido apontada como um caminho metodológico para explorar a condição humana, ao mesmo tempo em que é vista impedindo um “verdadeiro” conhecimento científico. Esta questão pode ser associada à sua dimensão poética na medida em que tal relato se aproxima da literatura imaginativa, o que pode abrir o caminho em direção a uma compreensão mais plena da narrativa e de sua promessa de compreender a condição humana e da condição da ciência em si. Pela narrativa autobiográfica, um novo self é moldado: dimensões do ser são reveladas que literalmente não teriam existido, não teriam alcançado uma forma articulada, se o projeto de uma compreensão autobiográfica não tivesse ocorrido. A vida recontada toma uma perspectiva inacessível à percepção comum e marca uma extrapolação poética que remodela nossas relações com relação ao mundo. Assim, há uma dupla poesis neste processo: a síntese de elementos heterogêneos de uma vida e a reconstrução do self como uma experiência poética que pode ser compreendida como uma revelação de nossa condição original, a criação de nós mesmos. É nesta direção que acreditamos que relatos, imersos em uma profundidade subjetiva de uma re-criação de um olhar infantil, podem olhar para e perceber um momento de vidas que permita ordenar retrospectivamente escolhas. Com isto, estamos supondo que há, na infância, como uma profecia do futuro. Enquanto a tendência das autobiografias é serem convencionais, estamos valorizando o modo como as experiências informam a auto-compreensão. Infância e desenvolvimento, poética e historicidade, termos aparentemente dissociados, talvez devido às inúmeras reduções ocorridas através dos tempos, re-aparecem, então, como intimamente relacionados. Na história de cada pessoa, há uma atualização de um passado longo, o que estamos denominando de dimensão poética, que co-existe ao lado de várias outras temporalidades, como a individual e a social. As histórias autobiográficas que tentam recuperar um passado presente no modo de ser da infância não estariam lidando com aspectos inconscientes, mas com aspectos que foram deixados à sombra. Pensamos que sua revivescência pode trazer elementos que transcendem as narrativas em geral, elaboradas consciente e racionalmente. Vários poetas e escritores revelaram reter, quando adultos, a capacidade de ver o mundo de um modo infantil, sem moralismos ou prisão em hábitos, o mundo visto com um sentido de um potencial do que poderia ser. Criança e poeta também se assemelham quanto à sensualidade de seu encontro com o mundo, a linguagem incorporando a relação das pessoas ao seu meio. Assim, a dimensão poética converge para o futuro, orientada por desejos pessoais de uma vida diferente, em vários níveis. Foi nosso propósito “recoletar” em nossas trajetórias as histórias não totalmente ditas e que passam a ser ditas num relato autobiográfico. A compreensão autobiográfica assim emerge como um instrumento fundamental para a re-coleção ética e moral, tomada aqui no sentido clássico de juntar o que de outra maneira estaria perdido devido à nossa própria tendência para o esquecimento.

3º Apresentador: Miguel Mahfoud

AUTOCONSCIÊNCIA E AUTOBIOGRAFIA: CONCEITOS E DIRETRIZES METODOLÓGICAS. Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais)

A contribuição da psicologia ao campo interdisciplinar de análises de autobiografias pode se dar no delineamento da autoconsciência em suas relações de mútua constituição entre sujeito e mundo-da-vida. Tal contribuição permite tomar o material a ser analisado como expressão de vivências e concomitantemente como elaboração dessa vivências através da linguagem. Pode-se assim evitar limitar tal análise ao estilo literário ou à simples sobreposição sujeito-linguagem. Tomando contribuições de Luigi Giussani sobre autoconsciência, ressalta-se o movimento de voltar-se para a própria origem como condição de possibilidade de elaboração da consciência de si, em que sujeito e mundo aparecem indissociados mas não diluídos um no outro. Tal movimento do sujeito de voltar-se para sua origem permite o delinear-se de algum horizonte de totalidade de sua vida individual, dentro do qual uma autobiografia pode, então, ser concebida e problematizada. A consciência da origem como fonte de dinamismo pessoal pode ser precisa mas permanece inapreensível, solicitando contínua elaboração. Assim, consciência de si se delinea no contato com tudo que vem a acentuar a distinção entre si mesmo e tudo o que toca, a distinção entre si mesmo e tudo mais de humano que vem a encontrar, a distinção entre si mesmo e tudo o que acontece em si e consigo. Posicionamento pessoal no mundo implica em tirar consequências de tal distinção, daí derivando contribuições originais na construção do mundo e consolidação do si mesmo sempre problematizado na relação ativa com o mundo. O mundo problematizado a partir da consciência de si permite tematizar a afeição também como função de mútua constituição entre sujeito e mundo, de onde pode brotar autoconsciência não apenas como saber de certas características mas como consciência ontológica. Com tal consciência de si a problematização do mundo pode ser continuamente aberta à dimensão pessoal, superando a alienação típica da tomada do mundo como antagônica ao sujeito, permitindo a experiência de liberdade de tomar em consideração inclusive aspectos dolorosos, contraditórios e provocadores da própria experiência pessoal e colocá-los no mundo como contribuição coletiva. Tal apreensão do dinamismo da autoconsciência permite tomar como objetivo da análise a subjetividade em contínua re-elaboração, em sua relação íntima com o mundo-da-vida, identificando o característico dinamismo pessoal (evidenciado nos mais diversos acontecimentos relatados com linguagem pessoal), apreendendo o sujeito mesmo que se põe no mundo através da autobiografia.